

# A OPERAÇÃO DAS MASCULINIDADES NOS DISCURSOS DO IHGB: *passado clássico e presente na Primeira República brasileira*

MARIANA FUJIKAWA

Mestranda em História (UFPR)

Bolsista CNPq

mari.fujikawa97@gmail.com

Orientadora: Prof<sup>fa</sup> Dra. Renata Senna Garraffoni (UFPR)

## RESUMO

Este artigo é resultado de um trabalho realizado para uma disciplina da pós-graduação de História, ministrada pela professora Doutora Ana Paula Vosne Martins. Nesta disciplina deveríamos realizar um trabalho final em que apresentássemos um aprofundamento de algum aspecto que poderia ser melhorado em nossa pesquisa ou de mestrado, ou de doutorado. Neste artigo viso, então, aprofundar teoricamente questões de interesse de minha pesquisa de mestrado, orientado pela professora Doutora Renata Senna Garraffoni. Nesta etapa acadêmica, viso analisar quais as relações feitas pelos membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro sobre o passado greco-romano. Uma hipótese é a de que, ao trazerem aspectos dos clássicos para seus presentes, os intelectuais do Instituto construía moldes do que seria o ser humano e, mais especificamente, o que seria o modelo do homem. Partindo dessa ideia, consideramos de fundamental importância nos embasarmos teoricamente sobre os estudos de recepção do mundo antigo, aos estudos de gênero e de masculinidade. Nesse sentido, o artigo se configura abordando essas relações, assim como possui uma análise de minha documentação, que são as Revistas do IHGB.

## PALAVRAS-CHAVE

*estudos de recepção; estudos de gênero; masculinidade; mundo clássico.*

## ABSTRACT

This paper is the result of an essay written to a class of the master in History, which was given by the PhD Ana Paula Vosne Martins. In this classes, we were supposed to write a paper in which we improved an aspect of our master's research. In this paper, I aim, then, to theoretically deepen some questions of interest of my Master's rese-

arch, which is oriented by the PhD Renata Senna Garraffoni. In this academic stage, I am to analyze which are the relations made by the members of the Historical and Geographic Institute of Brazil about the Greco-romaine past. One hypothesis is that by bringing aspects of the classics to their presents, the intellectuals of the Institute built an image of what was human and what was an ideal man. Considering this idea, we believe that it is extremely important to be theoretically substantiated with the studies of reception of the ancient world, as well as the gender and masculinities studies. This article is structured to try to approach this themes, and in addition it has an analysis of my documents, the IHGB's magazines.

#### KEYWORDS

*reception studies; gender studies; masculinity; classical world..*

## INTRODUÇÃO

Minha pesquisa, durante o período da graduação, foi fundamentada pela abordagem dos Usos do Passado. Este viés entende que a maneira que observamos a antiguidade clássica –apesar de seu distanciamento temporal - não é neutra e que, pelo contrário, pode ser entendida como um instrumento que serve a lógicas legitimadoras do poder na atualidade (SILVA, 2007, p. 103). Defendo que há relações feitas no presente que se remetem ao passado, sendo este utilizado na construção de identidades nacionais e discursos identitários. A partir dessa abordagem, concentrei-me, enquanto na graduação, nas atas das Sessões Magnas de Aniversário das Revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Essas atas eram as transcrições literais de todos os discursos proferidos na sessão que celebrava o aniversário do IHGB, intitulada “Sessão Magna de Aniversário”.

Esse trabalho, que resultou em minha monografia, visava analisar as atas e os usos e apropriações dos gregos e romanos presentes nos discursos do Instituto no período da Primeira República. Em minha análise, observei que os gregos e romanos retomados pelo IHGB eram filósofos e nomes renomados no cânone literário bastante específicos, e entendo que essa escolha de retomar certo passado clássico não era neutra, e assim concluí que ao retomarem pensadores greco-romanos e os relacionarem com a atualidade brasileira, os membros do IHGB almejavam construir uma identidade nacional baseada em ideias de razão e intelectualidade. Percebi também que, ao construírem essa nacionalidade, os membros do Instituto ressaltavam principalmente o homem e seu importante papel na nação.

A partir disso, para o mestrado, optei por deslocar o foco das questões da História Intelectual para melhor analisar como se deu a construção das masculinidades no IHGB no período da Primeira República e como era a relação dessas construções com os gregos e romanos. De forma semelhante a monografia, mantive o recorte no período de 1889 a 1930 no Brasil, mas expandirei a leitura das fontes. Enquanto na graduação optei por ater-me somente nas atas das Sessões Magnas de Aniversário,

para o mestrado terei como fontes todos os segundos volumes das Revistas do IHGB publicados na Primeira República. O maior deslocamento, porém, ocorrerá em relação ao foco teórico. Abordarei a relação entre o passado e o presente, no mestrado, a partir da ideia da Recepção. Esses estudos fazem parte do diálogo entre o passado e o presente, e visam analisar o cruzamento entre as diferentes temporalidades, entender essas camadas temporais (HARDWICK, 2003, p. 04). Porém, ressalto que o foco desse artigo <sup>1</sup> que mostra-se importante para a futura dissertação será um outro deslocamento teórico: enquanto antes estudava os gregos e romanos e seu impacto na construção de uma identidade nacional intelectual, no mestrado deslocarei esse foco para as questões de gênero.

Considerando essa nova perspectiva de análise, tenho como objetivo, nesse artigo, refletir sobre as relações do gênero e masculinidade. Assim, estruturarei o artigo da seguinte maneira: abordando inicialmente – em um esboço da teoria – importantes nomes e trabalhos sobre as questões de gênero. Posteriormente, apresentarei estudos sobre a masculinidade. Além disso, em um terceiro momento analisarei os impactos das questões de gênero em estudos sobre os estudos de recepção e, por fim, abordarei sobre trabalhos que trataram a temporalidade da Primeira República e a temática de gênero, assim como uma análise da documentação com a qual trabalho.

## AS QUESTÕES DE GÊNERO: *um esboço teórico*

Mães, esposas e donas de casa. Esse era o papel comumente atribuído às mulheres de classe média alta, da burguesia, principalmente a partir do século XIX (BANDINTER, 1980, p. 15). Porém, é importante ressaltar que houve resistência nesse período e muitas mulheres não aceitaram permanecer na esfera privada. Resistência, surgimento do feminismo. Como afirma Roberta Gilchrist (1999, p. 03), “All feminism is characterised by a political commitment to change existing power relations between men and women”.<sup>2</sup> O Feminismo foi e ainda é um movimento social composto principalmente por mulheres, podendo – em algumas correntes – abarcar também homens, objetivando abolir o patriarcado (MANN, 1985, p. 32). O Feminismo não é único e unitário, possui diversas decorrências, vertentes e teorias. Pode-se entender esse movimento a partir de ondas. Como visou trabalhar com os arranjos de gênero, e como o feminismo fez parte dessa história, irei abordar aspectos importantes dessas ondas.

A primeira onda tinha por objetivo afirmar que as mulheres eram iguais aos homens e, por isso, deveriam receber os mesmos direitos que eles, tais como o sufrágio. Um marco importante para o início dessa onda é o livro *Vindication of the Rights*

<sup>1</sup> Artigo que é o resultado de um trabalho feito para a disciplina de Seminário I, da pós-graduação em História da UFPR. Disciplina ministrada pela professora Ana Paula Vosne Martins, e trabalho feito sob orientação da professora Renata Senna Garraffoni.

<sup>2</sup> Todo feminismo é caracterizado por um compromisso político para mudar as relações de poder existentes entre homens e mulheres. (Tradução livre)

of Women (1792) de Mary Wollstonecraft (ANDREASEN; CUDD, 2005, p. 35). A segunda onda, por sua vez, afirmou que somente a igualdade política não foi o suficiente para acabar com a desigualdade entre os sexos. Afirmou, também, que a opressão da mulher estava em diversos aspectos da sociedade, tais como a economia, a sexualidade, os hábitos, o cotidiano (GILCHRIST, 1999, p. 03). Um importante marco desse momento da história do feminismo foi a publicação da obra *The Second Sex*, da Simone de Beauvoir (2005). Nesse sentido, como aponta Miriam Adelman, ao referir-se a Beauvoir, aponta que a Mulher foi construída como o Outro absoluto, aquela que serve para o “referencial”, que seria o homem. Além disso, a mulher – aponta Adelman ao referenciar-se a pensadora francesa – é sexualizada, representada ou como objeto do sexo, ou sendo excluída das criações culturais, da ciência e da literatura. Ademais, Miriam Adelman ressalta que as mulheres lutaram para adentrarem no mundo científico, cultural, mundos aos quais haviam sido inicialmente excluídas (ADELMAN, 2004, p. 89-90). Na década de 60 as mulheres ingressam de forma maciça nas universidades, criando mais conhecimentos de autoria feminina, e que também apontam para novos conhecimentos vinculados à experiência feminina. Com essas mudanças, foi necessário, aponta a doutora em sociologia, ir além das categorias da psicanálise, e da economia de Marx. A terceira onda, fortemente influenciada pelo movimento anterior do feminismo, datada a partir de 1980, afirmou uma maior diversidade da categoria mulher, visando abarcar novos conceitos como raça e classe a essa categoria. Além disso, criticou dicotomias como o público e o privado, desafiando papéis e instituições naturalizadas como o casamento e a maternidade. Questionou, também, a divisão entre sexo e gênero e a ideia de identidades fixas.

É principalmente a partir do impacto do feminismo de terceira onda que a questão do termo gênero começa a se solidificar, principalmente no âmbito brasileiro. Como afirma Joana Maria Pedro (2011, p. 273), em 1990 inicia-se a grande divulgação da categoria “gênero”. De acordo com essa autora, apesar de que em 1980 o termo já havia sido empregado em diversas disciplinas - como a antropologia, a literatura, a sociologia, a psicanálise – foi em 1986, com a publicação de Joan Scott, nos Estados Unidos, do artigo “Gênero, uma categoria útil de análise histórica”, que o termo passaria a ser diversas vezes citado. Nesse artigo, Scott afirma que o gênero era utilizado inicialmente como um sinônimo de “mulheres”, mas que, por ter uma conotação mais objetiva, era utilizado para dar legitimidade acadêmica aos estudos feministas nos anos de 1980. Scott, porém, ao tratar do gênero, não desejava falar somente de mulheres. Pelo contrário, ao tratar desse termo como categoria de análise, a autora desejava abordar as relações estabelecidas entre homens e mulheres. Essa relação, afirma Scott, é uma relação de poder, sendo “o gênero um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 21). Além disso, a História era importante para entender a maneira como os sexos se organizavam e como as tarefas e funções haviam sido divididas sexualmente através dos tempos. Assim, essa disciplina era responsável pela “produção da diferença sexual” e nunca – afirma a autora – seria neutra. A partir disso, ressalta que, quando a história opta por relatar somente esferas em que majoritariamente eram homens que estavam envolvidos - como a esfera da política, do militarismo - ela constrói o gênero no presente, afir-

mando que certos papéis pertencem ao masculino e não ao feminino. Dessa forma, a autora desnaturaliza a diferença entre homens e mulheres, afirmando que estas foram construídas historicamente.

A maneira de entender o gênero, e também os outros conceitos, como construídos historicamente foi influenciada pelas reflexões pós-estruturalistas, como afirma a pensadora Lourdes Feitosa (2003, p.101-115). Essa autora aponta para a questão de que as discussões das epistemologias sobre o feminino ganharam complexidade a partir do impacto dos pós-estruturalistas. Entender os conceitos “Masculino” ou “Feminino” enquanto essência tornou-se insuficiente para justificar os diferentes comportamentos dos diversos grupos socioculturais. Assim, afirma Feitosa, com a inserção da categoria gênero questiona-se o uso de termos como “homem” e “mulher” como categorias universais e fixas. Além disso, no mesmo sentido que Scott, a autora ressalta que além da crítica às essências, o estudo de gênero considera como importante analisar os significados dos conceitos nos diferentes momentos históricos. Historicizar os conceitos, ou seja, entendê-los como contingentes e transitórios, e construídos historicamente, implica em desnaturalizarmos noções que são vistas como da ordem da natureza, do eterno. Nesse sentido, de acordo com Feitosa, diversas sociedades consideraram o gênero como algo diretamente associado ao sexo biológico. Isso, por muito tempo, foi aceito sem discussão, mas como afirma Sena (1992, p. 13), os atributos que definem o masculino e o feminino nem sempre foram os mesmos.

Nesse sentido, uma importante pensadora sobre a desnaturalização do próprio sexo biológico foi a filósofa estadunidense Judith Butler (2015). Esta autora afirma que parte da teoria feminista ressaltou uma identidade fixa feminina. Ela ressalta que isso ocorreu para promover a visibilidade das mulheres, mas, devido a essa imobilidade da categoria mulher, Butler acredita que o movimento feminista identitário estaria fadado ao fracasso. Uma das razões desse fracasso, comenta a filósofa, se daria porque ao criar a categoria “mulher” como estanque, entende-se que a identidade feminina seria uma identidade em comum com todas as mulheres. Algo que, em sua visão, seria impossível devido a multiplicidade e pluralidade das mulheres. Ela afirma que essa busca por uma luta identitária é baseada principalmente na distinção entre sexo e gênero, em que o sexo seria da ordem da natureza, imutável, enquanto o gênero seria culturalmente construído. Porém, Butler critica essa divisão. Aponta ela que, já que se entende que o gênero é construído, talvez o sexo seja construído da mesma forma. Dessa forma, a autora estadunidense não coloca o sexo em um âmbito pré-discursivo. De forma contrária, considera a biologia como construída histórica e linguisticamente. Butler entende que a ideia unitária do sexo, considerar a categoria “Mulher” como universal, foi utilizada como forma de resistência e de luta política. Ainda assim, ela questiona se de fato essa “unidade” – artificialmente construída – é necessária para a ação política efetiva. Isso porque, na visão da filósofa, “certas formas aceitas de fragmentação podem facilitar a ação” (BUTLER, 2015, p.36) e isso seria importante também pelo fato de que, em sua percepção, a unidade da categoria mulheres não é desejada e nem pressuposta. Assim, em *Problemas de Gênero* (2015), Butler desconstrói o binarismo entre sexo e gênero e, além disso, afirma a impor-

tância de desconstruirmos os ideais de identidades fixas e imóveis, sendo que estas mais produzem exclusões e dominações do que libertam e transformam as relações de poder. Nesse mesmo sentido, outra contribuição teórica importante dessa autora foi a questão da “performatividade do gênero”. Ao afirmar esse conceito, Butler destrói a ideia de uma identidade estanque, pois entende que as formas que se dão as relações de gênero são performáticas, transitórias e fluídas, sendo mais performances do que identidades, não sendo resultados do sexo, e sim construções culturais.

A partir desse breve esboço teórico, resalto a importância dos movimentos feministas para transformar a abordagem acadêmica que possibilitou a realização de trabalhos que não tivessem como foco somente os grandes homens, mas que expandissem a visão do que é história para diferentes sujeitos, como as mulheres. Além disso, gostaria de ressaltar a importância do movimento feminista e de como isso foi importante aos estudos de gênero que, impactados pelos estudos pós-estruturalistas, visou entender as relações de poder entre os gêneros como algo construído historicamente, não natural e que – por isso – poderia ser contestado e criticado. Ao entender o gênero e o sexo como discurso, compreende-se que as visões que possuímos são contingentes e podem ser transformadas. Outro aspecto extremamente importante – acredito – que foi trazido pelas questões de gênero, foi a descentralização da mulher como o foco único de estudo e análise. Como afirmou Scott (1995), apesar de que inicialmente o gênero foi visto como sinônimo de mulher, seu foco, assim como o de Butler (2015) e Feitosa (2003), não era o de analisar somente o feminino, e sim o de entender as relações que são produzidas entre os homens e as mulheres. Nesse sentido, considero importante, para esse artigo, analisar também as particularidades de como os estudos de gênero começaram a criar novas perspectivas sobre os estudos da masculinidade.

## ESTUDANDO A MASCULINIDADE

Anteriormente comentei sobre as ondas feministas. Os estudos da masculinidade inicialmente surgiram, como aponta Joana Maria Pedro (2011), do impacto da segunda onda feminista, nos Estados Unidos. A segunda onda visou questionar o que era o feminino e, com isso, e também com o movimento gay, houve uma desestabilização do que seria o masculino normativo. Como afirma Badinter, “o feminismo ocidental é menos culpado de ter misturado os pontos de referência do que de ter mostrado a nudez do rei” (BADINTER, 1992, p. 06). Dessa forma, certos estudiosos da masculinidade afirmaram que também eram vítimas das opressões. Para contornarem a crise identitária causada pelo feminismo acabaram reforçando ideias de virilidade, criando uma masculinidade hegemônica, sendo que todos os outros modos de vida masculinos foram considerados como inferiores ou inadequados (SILVA, 2015, p. 07). Esses estudos iniciais eram produzidos, para, por e sobre homens. Afirma Natanael Silva que os primeiros estudos sobre os homens consideravam o feminino e o masculino como essências, e que as diferenças entre os sexos seriam inatas. Ainda

assim, como afirmei, nas últimas duas décadas, impactados pela terceira onda, houve um aumento de trabalhos que estudam a masculinidade, não mais com a perspectiva de ressaltar uma virilidade hegemônica, mas visando entender as construções sobre a masculinidade. Nessa perspectiva, entende-se que a masculinidade, assim como a feminilidade, são constructos sociais. Nesse sentido, como afirma Arnaud Bauberót (2013, p. 191), houve um profundo questionamento do modelo tradicional de virilidade, mas se isso ocorreu, foi porque o modelo viril ainda encontrava-se solidamente estabelecido.

Essa nova perspectiva de crítica a virilidade tradicional abriu possibilidades para a desnaturalização da masculinidade hegemônica. De acordo com Michael Kimmel (1998, p. 103), os significados de masculinidade variam entre as diferentes culturas, os diferentes períodos históricos. Assim, a masculinidade não é uma constante universal, uma essência fixa, e sim “um conjunto de significados e comportamentos fluidos e em constante mudança” (KIMMEL, 1998, p. 106). Porém, ressalta o autor que nem todas as masculinidades são construídas da mesma forma. Afirma Kimmel que a masculinidade é questionada e que, devido a isso, deve ser provada constantemente, a todo instante. Assim, comenta que “a busca por uma prova constante, durável, inatingível, torna-se em última instância uma busca tão sem sentido, que ela assume as características, como disse Weber, de um esporte” (KIMMEL, 1998, p. 01). Se certa masculinidade sempre era continuamente provada, Kimmel indaga-se sobre como ela tornara-se hegemônica. A resposta, afirma o autor, é de que a principal maneira que os homens reforçavam sua masculinidade era a partir da negação e desvalorização das outras diferentes formas de ser homem. Michael Kimmel, em *Men's Lives*, também comenta sobre a ‘invisibilidade’ do gênero masculino. Ao afirmar isso, Kimmel ressalta que os homens foram fortemente focados e analisados na história. Assim, não foi a falta de estudos sobre os homens que faz com que exista uma ‘invisibilidade’ desse gênero. O que o autor deseja afirmar é que, devido ao fato de que se associa o humano somente com o sexo o masculino, e não com o feminino, consideramos o masculino como a ordem, o padrão, o universal. Assim, afirma ele que “é mais comum tratarmos os homens como se não tivessem gênero, como se sua experiência pessoal do gênero não tivesse importância” (KIMMEL, 1998, p. 03). É importante ressaltar, então, que essas análises de entender a masculinidade hegemônica e a subalterna e de compreender a masculinidade como construção impactaram na historiografia.

Assim como Michael Kimmel, outro autor que debruçou-se sobre o tema da masculinidade foi Raewyn Connell, no livro *Masculinities* (1995). Em seu livro, Connell afirma que as masculinidades são criadas em tempos e lugares particulares, sendo sempre sujeitas a mudança, sendo, dessa forma, históricas. Ao fazer uma retomada histórica das criações da masculinidade no Ocidente, ressalta que a história da masculinidade não é linear, e que, nas complexas relações de gênero, do hegemônico e do subalterno, as relações de poder e as próprias masculinidades se transformam (CONNELL, 1995, p. 3-4).

Da mesma maneira que Connell entende as masculinidades como contingentes, Elizabeth Badinter, no livro *XY Sobre a Identidade Masculina*, questiona a natu-

ralidade da virilidade, afirmando que os homens possuem pouca confiança na sua identidade sexual, por isso a todo instante devem provar sua masculinidade. Assim, ressalta que a virilidade não é natural e deve ser “fabricada”. Nesse sentido, Badinter comenta que a preocupação com a própria identidade sexual é recente, datando-se no fim do século XIX.

A partir desse momento, construiu-se ideais sobre o que deveria ser o homem: algo que se opõe ao feminino, ao gay, que é viril, violento, másculo. A criação dessa masculinidade hegemônica, porém, criou também masculinidades diferentes, e nem todos os homens estão compartilhando as mesmas vivências e experiências. Como ressalta Connel, raça, diferenças geracionais, classe, marcam diferenças nas construções de subjetividades masculinas. Além disso, como já comentado, essas subjetividades variam temporalmente e espacialmente. Assim, entendo como importante destacar que a masculinidade é histórica, não natural. É um processo incompleto e fluido, e não uma identidade fixa.

Com esses apontamentos sobre a masculinidade, acredito que podemos contribuir com a historiografia ao estudar a construção da masculinidade – a partir dos usos do passado – no IHGB da Primeira República. Como afirmei com os estudos de Badinter, Kimmel, Connell, a construção de uma masculinidade hegemônica era permeada por ideias de virilidade e violência. Porém, a partir da leitura de parte do corpus documental, os segundos volumes das Revistas do IHGB publicadas entre 1889 e 1930, indago-me se a formação da masculinidade desse período no Instituto era permeada principalmente pela ideia de virilidade ou se seriam outros os discursos que moldariam o que seria o masculino. Nesse sentido, apresentarei dois breves, mas significantes trechos da documentação:

**Q**ue valem as glórias efêmeras e ruidosas, pelas impetuosas paixões de um Alexandre, de Cesar [...] ante as conquistas pacíficas e perduráveis da ciência de um Galileu, de um Newton (Cons. H. A. Castro, 58, 1895, p. 400-401).

**A**sabedoria, segundo Cícero, a razão perfeita, ou antes o conhecimento intelectual das coisas divinas e humanas, e toda subjetiva e pressupõe ciência no que exercita para que dos conhecimentos e da experiência derivem os meios de obrar com precisão e acerto (Cons. H. A. Castro, 67, 1904, p. 480).

Ambos os trechos valorizam fortemente a inteligência. O primeiro, de 1895, do então presidente do IHGB Sr. Conselheiro Olegário Herculano de Aquino e Castro, apresenta que ainda que a paixão de Alexandre e Cesar possam ser consideradas como glórias, pois perduraram na história, elas merecem muito menos crédito do que o que foi conquistado com a racionalidade, com o intelecto. Quatro homens são citados. Assim, pode-se entender que a feminilidade não está em jogo nessa frase.



Sobre a masculinidade, porém, pode-se inferir que, ao criticarem a efemeridade das conquistas violentas dos clássicos Cesar e Alexandre, Aquino e Castro afirmava um ideal masculino não voltado às paixões e emoções, mas à ciência e a razão. Não é, porém, como se todo homem do mundo clássico devesse ser considerado como efêmero e tentado às emoções. O segundo trecho, também de Aquino e Castro, mas de 1904, apresenta a figura de Cícero, político e filósofo, para retomar a valorização da ciência e da sabedoria. Seguindo nesse mesmo trecho, o presidente do Instituto afirma “o afamado filósofo, que como lembra um profundo observador, por lamentável desvio poderia ter-se abismado no imundo pélago das devassidões dos Claudios e dos Neros” (Cons. H. A. Castro, 67, 1904, p. 481). Assim, imperadores romanos atrelados à força bruta são criticados. Percebo, a partir disso, como certo passado é retomado. Não de forma neutra e apolítica, mas com utilizações que impactam no presente. Nos trechos por mim selecionados, em uma primeira e breve análise das fontes, observo que os gregos e romanos retomados de forma positiva eram os grandes pensadores, o que faz com que se reflita se a masculinidade valorizada pela elite intelectual na Primeira República seria também uma masculinidade atrelada à razão.

Esses questionamentos e essas preocupações permanecerão durante a escrita e o afinamento da dissertação, e entendo que os estudos apresentados sobre a teoria dos estudos de gênero e sobre a masculinidade contribuirão para a escrita e preparação do trabalho final do mestrado. Outro aspecto que acredito que irá me auxiliar nesse artigo e na posteridade é o de entender como alguns outros e outras autoras trabalharam com a recepção e com sua relação com as questões de gênero.

## **PENSANDO O IMPACTO DO GÊNERO NOS ESTUDOS SOBRE OS ESTUDOS DE RECEPÇÃO**

No século XX, como afirma Tais Belo (2014, p. 13), houve uma ‘crise’ na historiografia antes ancorada em ideais iluministas do século XVIII, tais como o racionalismo e o antropocentrismo. O século XIX incorporou a isso a concepção evolucionista e progressista do mundo e do homem. Ainda assim, ressalta a historiadora, o século XX, com todos os avanços científicos e a exaltação do progresso, mostrou o fracasso do ideário do Iluminismo, que colocou em risco a humanidade, a partir das grandes guerras mundiais, do colonialismo e das bombas atômicas. Dessa forma, houve uma crise dos paradigmas, e o campo da história passou a tentar apresentar uma perspectiva mais democrática e inclusiva. A partir disso, houve o esgotamento da modernidade, a desconfiança nas verdades absolutas e nisso o conceito de homens e mulheres, como apresentamos, também começou a ser questionado e debatido dentro da história.

As questões de gênero, impactadas pelos questionamentos à verdade, pelo pós-estruturalismo, influenciaram também a maneira que os e as historiadoras analisavam o passado clássico. Alguns estudos sobre os estudos de recepção, ainda que recentes, mostraram a preocupação de tratarmos da relação entre homens e mulhe-

res e entre mulheres e entre homens. Os trabalhos existentes sobre a temática ainda são poucos, e trabalharei com dois deles – os dois por nos encontrados sobre a relação gênero e recepção. Abordarei nesse artigo a tese de Tais Pagoto Bello (2014) e a tese de Renato Pinto (2011). Considerando a falta de estudos sobre a temática, viso contribuir, em minha pesquisa de mestrado, com essa historiografia, explorando a construção das masculinidades do IHGB. Indago, em minha pesquisa, quais características seriam atreladas aos homens. Outro aspecto é entender se essas construções se atrelavam com identidades nacionais. Entendo que as identidades nunca são fixas, mas fluidas, e viso entender os processos, as formas que o gênero operava dentro desses discursos, abarcando a diversidade e a transitoriedade desses discursos identitários.

Considerando esses objetivos, foi de essencial importância analisar os trabalhos feitos com as mesmas perspectivas do que as minhas. Tais Belo analisa como a figura feminina de Boudica – rainha Bretã que liderou um exército contra o Império Romano - foi utilizada como representação feminina para as mulheres de poder na Inglaterra. Ela afirma que a Boudica foi vista como a ‘primeira mulher britânica’, sendo influência para as feministas e para líderes da Inglaterra como Margareth Thatcher e a Rainha Vitória. Nesse sentido, afirma que esta figura foi importante para a legitimação das mulheres enquanto líderes. A autora ressalta que o preconceito com as mulheres em posições de lideranças é algo contemporâneo, mas que é uma pauta importante nos grupos feministas de reivindicação. A partir disso, comenta que a figura de Boudica é vista e lembrada, na Inglaterra, como um símbolo feminino de luta e de força, que não sucumbiu frente às dificuldades, sempre encarando-as de frente. É claro, aponta Belo, que essa visão sobre a guerreira do passado não é neutra e não retoma o passado em si, mas sim uma representação dele. Ela comenta que a figura de Boudica foi reinventada, sendo moldada e reavaliada pelas diferentes sociedades que se utilizaram dela. A construção da memória, como afirma Lowenthal (1985, p. 45), não é uma reflexão banal sobre o passado, e sim reconstruções seletivas. Assim, Belo conclui que Boudica – ao ser utilizada em discursos do presente - é um tema pertinente na atualidade, sobretudo para as feministas.

Renato Pinto, de forma semelhante a Belo, também tratou da relação entre os Usos do Passado e o gênero. Em sua tese intitulada *Duas Rainhas, um Príncipe e um Eunuco: gênero, sexualidade e as ideologias do masculino e do feminino nos estudos sobre a Bretanha Romana* (2011), comenta sobre como fontes da Antiguidade clássica são reinterpretadas para diversos fins do mundo contemporâneo. Afirma o historiador que, ao trabalhar o conceito da recepção do mundo clássico, não entende que os homens e mulheres da modernidade vão ao passado para trazê-lo tal como foi ao mundo atual. Ressalta, assim, que os conceitos, as ideologias, os e as personagens do passado são interpretados pelas pessoas a partir do olhar do presente. A partir dessa abordagem, o autor analisa como personagens da Britânia, tais como a própria rainha Boudica – objeto de Belo – e também o príncipe Carataco, servem como exemplos para a construção de identidades nacionais britânicas. Pinto ressalta que, ao retomarem personagens do passado clássico, o império Britânico, no final do século XIX, visava comparar-se e igualar-se ao império romano. Nesse sentido, person-

gens da antiguidade eram retomados, por sua vez, para reforçarem papéis sexuais, reforçando definições normativas sobre os homens e as mulheres.

Dessa forma, com esses dois estudos, pode-se observar como o resgate do passado não é possível, e o que há são retomadas de certos aspectos e trechos sobre o passado. Esses estudos da recepção do mundo clássico na atualidade não são e não se pretendem como neutros, e visam, por sua vez, entender como funcionam as relações entre os discursos da atualidade e do passado. Nesse sentido, enquanto que com a análise de Pinto (2011) o passado clássico foi retomado para fixar divisões sexuais, no trabalho de Belo a figura de Boudica foi utilizada pelas feministas para ressaltar a liderança feminina. Ambos os trabalhos são importantes para compreender a relação de gênero com os estudos da recepção, mas os trabalhos aqui analisados não focam nas particularidades da masculinidade e também não abordam principalmente o território nacional brasileiro. Nesse sentido, visou contribuir nesse aspecto, possibilitando novos olhares sobre a relação entre o passado greco-romano, o Brasil e as questões de gênero.

## ■ A PRIMEIRA REPÚBLICA E OS ESTUDOS DE GÊNERO

Estudos sobre a Primeira República debruçaram-se, por diversas vezes, na questão da mulher. Afirma Aline Tosla dos Santos (2009, p. 10) por exemplo, que no período do início da República, buscou-se construir um papel para as mulheres. Elas possuíam importante função no seio da família nuclear. Afirma que, a partir de discursos médicos, juristas, o papel da mulher era cada vez mais reiterado como sendo o de esposa e mãe.

Mais escassos, por sua vez, são os estudos que tratam da masculinidade e sua relação com o período de 1889 até 1930. Um importante trabalho sobre essa temática, porém, é o de Richard Miskolci, intitulado *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX* (2012). Nesse livro, afirma que havia um projeto político imposto, que era autoritário e conduzido por homens da elite que desejavam construir no Brasil uma população e uma identidade branca e civilizada. Isso, afirma, a partir de pressupostos do masculino, do branco e do heterossexual como dominante. Além disso, ressalta que conjuntamente com esse projeto havia diversos fantasmas: os outros, aqueles que não se inseriam nesse ideal identitário. Seriam esses os negros, os pobres, as mulheres. Contra esse fantasma, a elite buscava controlar e impedir os outros a transitarem pelos espaços hegemônicos. A partir da presença desse conflito entre o projeto de nação e as diferenças, os outros, o livro de Miskolci (2012) se opõe a visão de um Brasil unitário e sem conflitos.

Assim, consideramos de fundamental importância esse trabalho. Nossas fontes, como apresentamos, são os discursos presentes nas revistas do IHGB do período da Primeira República. Precisamos observar se o 'desejo de nação' apresentado

por Miskolci não era o discurso hegemônico do Instituto, e como se davam as relações de poder entre o IHGB, seus discursos e seu impacto na nacionalidade e na masculinidade brasileira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo, pretendia tratar sobre importantes trabalhos sobre as questões de gênero, a masculinidade e também sobre como esses aportes teóricos impactaram na escrita de trabalhos sobre os estudos de recepção e também sobre a Primeira República. Embora tenha traçado esses aportes teóricos de forma breve, acredito que essas leituras apresentadas no artigo irão contribuir para a escrita da dissertação. A partir dos impactos do feminismo e dos estudos de gênero, compreendo os discursos do Instituto como algo não neutro, e, além disso, objetivo entender que as relações discursivas do IHGB sobre o gênero são fluidas e contingentes. Nesse mesmo sentido, ao abarcar na terminologia o conceito “gênero”, não viso entendê-lo como sinônimo de mulher, como foi em certo momento histórico feito, mas sim como uma relação que ocorre entre os homens e as mulheres. Assim, ao analisar os discursos dos membros do IHGB, apesar de que – em um sobrevoo sobre as fontes – observo que o foco se dá no masculino, entendo que ao construírem o que deveria ser o homem, cria-se também ideais sobre o que deveria ser a mulher. Essas identidades, como comentado, não são naturais, e sim construídas historicamente e, por isso, possuem capacidade de transformação e mudanças. Ao procurar voltar ao período republicano, pretendo problematizar esses discursos do passado na perspectiva de que não são naturais e assim abrimos possibilidade para termos modos menos estáticos de se compreender as masculinidades.

## FONTES

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. n. 58 e 68. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Imprensa Nacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELMAN, M. *A voz e a escuta: Encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea*. 264f. Tese (Doutorado em Interdisciplinar em Ciências Humanas). Centro de filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2004.

BADINTER, E. *XY sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992.

- BÉLO, T. *Boudica e as facetas femininas ao longo do tempo: nacionalismo, feminismo, memória e poder*. 261f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- BUTLER, J. *Problemas de Gênero - Feminismo e Subversão da Identidade*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2015.
- CONNELL, R. *Masculinities*. Los Angeles: University of California Press, 1995.
- FEITOSA, L. História, gênero, amor e sexualidade: olhares metodológicos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n.13, pp. 101-115, 2003.
- GILCHRIST, R. *Gender and Archaeology*. Routledge: London, 1999.
- HARDWICK, Lorn. *Reception Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- KIMMEL, M. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos: Corpo Doença e Saúde*, ano 4, n. 9, pp. 103-118, out. 1998.
- MISKOLCI, R. *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*. São Paulo: Annablume, 2012.
- PEDRO, J. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. *Topoi*, v. 12, n. 22, p. 270-283, jan-jun 2011.
- PINTO, R. *Duas Rainhas, um Príncipe e um Eunuco: gênero, sexualidade e as ideologias do masculino e do feminino nos estudos sobre a Bretanha Romana*. Tese (Doutorado em História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- SANTOS, A. A construção do papel social da mulher na Primeira República. *Revista Em Debate*. Rio de Janeiro, v. 08, pp. 1-18, 2009.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Tradução Guacira Lopes Louro. *Educação & Realidade*, vol. 20, nº 2, p.71-99, Jul./dez. 1995.
- SILVA, N. Historicizando as masculinidades: considerações e apontamentos à luz de Richard Miskolci e Albuquerque Júnior. *História, histórias*. Brasília, vol. 1 n. 5, 2015.